



A unção de Betânia como sinal da hora – Jo 12

The Anointing of Bethany as the Sign of the Hour - John 12

Francisco Maria de Oliveira

Resumo

O evangelho segundo João, já desde seu início, é marcado pela expectativa da Hora; por algumas vezes o texto repete que a Hora de Jesus não havia chegado e o livro da Glória é aberto com a proclamação da chegada da Hora. Desta forma, a expectativa e a chegada da hora têm grande importância na teologia Joanina, além de servir de passagem entre o chamado “Livro dos Sinais” (capítulos 1-12) e o “Livro da Glória” (capítulos 13-21). Outra particularidade do evangelho segundo João é a realidade dos Sinais, que ganham grande relevância em se tratando da revelação do Pai por e em Jesus. O presente artigo tem a intenção de sinalizar a eminência da Hora Gloriosa de Jesus já na unção acontecida em Betânia por parte, segundo João, de Maria irmã de Lázaro, e alguns significados que tal unção sinaliza como a divindade, a realeza, o amor, a prefiguração da morte, mas, sobretudo, ver a unção de Betânia como Sinal da Hora Gloriosa de Jesus; Hora para qual ele veio (Jo 12,27).

Palavras-chave: João, Unção, Sinal, Hora, Messias.

Abstract

The gospel according to John, from its very beginning, is marked by the expectation of the Hour; sometimes the text repeats that the Hour of Jesus had not arrived and the book of Glory opens with the proclamation of the arrival of the Hour. In this way, the expectation and arrival of the hour are of great importance in Johannine theology, in addition to serving as a passage between the so-called “Book of Signs” (chapters 1-12) and the “Book of Glory” (chapters 13-21). Another particularity of the gospel according to John is the reality of the Signs, which gain great relevance when it comes to the revelation of the Father by and in Jesus. This article intends to signal the eminence of the Glorious Hour of Jesus already in the anointing that took place in Bethany by, according to John, Mary, sister of Lazarus, and some meanings that such anointing signals such as divinity, royalty, love, the prefiguration of death, but, above all, seeing the anointing of Bethany as a Sign of the Glorious Hour of Jesus; Time for which he came (Jn 12:27).

Keywords: John, Anointing, Sign, Hour, Messiah.

Introdução

O quarto evangelho que hoje compõe o cânon do novo testamento não é assinado, no entanto desde o início a igreja atribuiu sua autoria a João, autoria confirmada após sua aceitação no cânon da Igreja.¹ Houve dúvidas sobre a identidade desse evangelista João, se era o apóstolo filho de Zebedeu ou o presbítero.² Por fim ambos acabaram sendo identificados como o mesmo. O texto também traz descontinuidades que indicam possíveis estágios de escrita, levados a cabo por pessoas distintas, dentre as quais, João e a comunidade Joanina. Brown³ defende cinco estágios dentro os quais apenas o último não teria sido protagonizado por João. Também se atribuiu a autoria do evangelho a uma comunidade Joanina. Embora não haja nenhum conhecimento histórico sobre, supõe-se que existiu e que esta levou a cabo o que hoje chamamos de escritos Joaninos, e, neste caso, o evangelho segundo João.⁴

Quanto à datação, pensa-se que não foi publicada antes do fim do sínodo de Jâmnia, pois traz indícios da expulsão dos cristãos da sinagoga. Também não pode ser posterior ao ano 120, uma vez que um papiro do ano 140 testemunha que o evangelho de João já era conhecido no Egito nessa data.⁵ Segundo a teoria de Brown,⁶ as tradições contidas no evangelho Segundo João, foram recolhidas antes da destruição de Jerusalém, quer dizer, antes do ano 70 d.C. e depois, já fora de Jerusalém, em Éfeso, foram sendo desenvolvidas, redigidas e, por fim, publicado entre os anos 100-110.

O texto foi escrito para se manter viva a memória dos feitos e ditos de Jesus. Mas há indícios que o escrito teve destinatários específicos, Brown⁷ identifica 4: teria sido escrito aos seguidores de João Batista a fim de ajudá-los a compreender que Jesus era o messias, e não João Batista; em controvérsia aos judeus identificado a Jesus figuras e conceitos particulares da fé judaica como *Cristo*, *Messias*, *Rei de Israel*, e dando novo significado a instituições judaicas como o sábado e as festas; em controvérsias a hereges cristãos, como Cerinto, Ebion e os docetas; e também como encorajamento a cristãos gentios e judeus. Este evangelho, de cristologia bastante avançada,⁸ também sofreu críticas. Alguns o acusavam de dualista e gnóstico,⁹ e até foi excluído de algumas listas.¹⁰ No entanto, acabou sendo aceito e tendo sua riqueza teológica reconhecida.

¹ GONZAGA, W., A Acolhida e o lugar dos escritos Joaninos no corpus do Novo Testamento, p. 690.

² GONZAGA, W., A Acolhida e o lugar dos escritos Joaninos no corpus do Novo Testamento, p. 688.

³ BROWN, R., Comentário ao evangelho segundo João, p. 19-26.

⁴ GONZAGA, W., A Acolhida e o lugar dos escritos Joaninos no *corpus* do Novo Testamento, p.690

⁵ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p. 136. 138.

⁶ BROWN, R., Comentário ao evangelho segundo João, p. 84 e 111.

⁷ BROWN, R., Comentário ao evangelho segundo João, p. 63-76.

⁸ RATZINGER, J, Jesus de Nazaré, p. 193.

⁹ GONZAGA, W., A Acolhida e o lugar dos escritos Joaninos no corpus do Novo Testamento, p.690.

¹⁰ GONZAGA, W., A Acolhida e o lugar dos escritos Joaninos no corpus do Novo Testamento, p.697.

No todo o evangelho tem 21 capítulos, que são divididos em duas grandes partes: 1-12 o chamado *Livro dos Sinais*, e 13-21 o chamado *Livro da Glória*. O capítulo 12 do evangelho segundo João encerra o *Livro dos Sinais* e introduz o leitor no chamado *Livro da Glória*. Na Bíblia de Jerusalém este capítulo está sob o título de *Fim do ministério público e preliminares da última páscoa*; a Bíblia Pastoral o coloca como uma espécie de complemento ao sétimo sinal: *Ressurreição de Lázaro*; já Léon-Dufour o coloca junto aos textos da *Última Semana*. Segundo o esquema deste mesmo autor, o capítulo 12 pode ser dividido em oito partes, a saber: v.1-8 unção de Maria em Betânia; v.9-11 projeto de matar também Lázaro; v.12-19 entrada do Rei; v.20-22 a chegada dos gregos; v.23-33 discurso; v.34-36 exortação aos judeus; v.37-50 epílogo dividido entre uma reflexão do evangelista (v.37-43) e uma proclamação típica de Jesus (v.44-50).¹¹

1. Contextualização e distinção entre os sinóticos.

O clima entre o qual está narrado este capítulo é diverso: no capítulo 11 é narrada a grande alegria porque Lázaro, que jazia há quatro dias, voltara a viver; entre os v.45 e 53 é narrada a decisão, por parte dos sacerdotes e fariseus, de matar Jesus, o que fez Jesus retirar-se para o deserto (v.58). Enquanto muitos seguiam Jesus, após ver seus sinais e nele crer, outros, os chefes, inconformados com essa realidade tramam contra Jesus (Jo 11,45-53). Além disso estava próxima a festa da páscoa, momento fortíssimo da religião judaica. Enquanto o jantar expressa a alegria da ressurreição, a unção sinaliza a morte eminente de Jesus.¹² O clima é misto: alegria para uns, raiva para outros; murmurações, planejamentos maus, apreensão, esperança... como bem profetizado por Simeão, Jesus é um sinal de contradição, de queda e reerguimento (Lc 2,34). É uma semana ambígua: semana final, ao mesmo tempo que inicial.¹³ Uma semana de transição, de passagem, de preparação.

O capítulo 12, como já dito, pode ser dividido em algumas partes, das quais, algumas encontram paralelo nos evangelhos sinóticos: a unção de Betânia e a entrada de Jesus em Jerusalém, ambos narrados nos quatro evangelho, obviamente, cada um a seu modo, sua particularidade e finalidade. A unção de Betânia tem paralelo nos três sinóticos, embora não leve esse título em Lucas e a cidade onde aconteceu não seja nominada – dá a entender que foi em Naim, ou pelo menos foi esta a última cidade a ser citada antes da narração da unção. Em Mateus, Marcos e João é dito o contexto pascal, já Lucas não traz nenhum marco temporal. Apenas no evangelho de João a mulher tem nome: Maria; Mateus e Marcos dizem ter sido uma mulher, e Lucas, uma pecadora. Apenas Marcos e João dizem qual o nome perfume: nardo puro (Mc 14,3; Jo 12,3), os demais dizem ser um frasco de alabastro, e apenas João precisa a quantidade: uma libra (Jo12,3). Mateus e Marcos testemunham que unção foi na cabeça, diferente de João e Lucas que dizem ter sido nos pés; ambas as formas faziam parte do costume judeu para recepção de convidados a banquetes.¹⁴ A intervenção dos convivas também é diferente: em Mateus foram “os Discípulos” que ficaram indignados com o desperdício (Mt 26, 8), em Marcos foi “alguns dos presentes” (Mc 14,4-5). A resposta de Jesus em defesa da mulher diverge em um ponto ou outro,

¹¹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João*, p. 14-15.

¹² LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João*, p. 311

¹³ BROWN, R., *Comentário ao evangelho segundo João*, p. 742.

¹⁴ MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico. Refeição*, p.776.

mas convergem na celebre frase “pobres sempre tereis”, além de Jesus sinalizar a eminência da própria morte (Mt 26,11-12; Mc 14,6-8; Jo 12,7-8).

Lucas, em contrapartida, tem um diálogo e um sentido diferente. A mulher é pecadora, e a repreensão, feita por parte de um fariseu, não é justificada pelo preço do perfume com o qual Jesus é ungido nos pés, mas pela pessoa que faz o gesto: uma pecadora que, derrama suas lágrimas nos pés de Jesus, e além de o ungir, soltou seus cabelos para enxugar os pés. Neste caso não só a mulher é repreendida, mas também Jesus que, se de fato fosse profeta, saberia quem é a mulher que o toca. Por fim Jesus perdoa os pecados da mulher, porque ela muito amou, o que causa outra discussão por parte dos convivas sobre a autoridade de Jesus em perdoar pecados (Lc 7,36-50). É o único relato que traz a relação entre pecado e perdão.¹⁵

Segundo Mateus e Marcos a unção de Betânia aconteceu depois da entrada de Jesus em Jerusalém, ao contrário do que diz Lucas e João. Em todos os textos Jesus entra montado num jumento e aclamado pelo povo, que trazia ramos à mão. Os sinóticos narram o envio dos apóstolos por parte de Jesus para prepararem o jumentinho, João nada comenta. Mateus e João citam a passagem da profecia de Zacarias sobre o rei manso e humilde, os demais citam apenas o Salmo 118. (Mt 21,1-10; Mc 11,1-11; Lc 19,28-39; Jo 12,12-15).

Já os dois discursos proferidos por Jesus neste capítulo (Jo 12,23-36; 44-50) não têm nos sinóticos textos que a eles podem ser identificados como seus paralelos, entretanto há assuntos, ou trechos, que tem certa proximidade, como por exemplo: neste capítulo Jesus fala “quem ama sua vida a perde e quem odeia sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna” (v.25) como também fala a mesma coisa, em outras palavras, em Mateus 16, 25; sua alma conturbada (v.27), que remete ao Getsêmani (Mt 26,38; Mc 14,34; Lc 22,44); e quando o redator fala da dificuldade que muitos têm em crer (Jo 12,37-40), assim como em Mt 13,13-15, cita Is 6, 9-10 para justificar a descrença.

2. A Revelação

O Evangelho segundo João tem certa peculiaridade: a centralidade em Jesus. Não que os sinóticos também não a tenha, mas temas como O Reino de Deus/Céus, Parábolas, milagres, muito caros aos sinóticos, não aparecem em João. Nos sinóticos Jesus prega o Reino, o ilustra com as parábolas e o concretiza com os milagres. Em João, Jesus prega a si, fala sobre si: “o pregador passa a ser pregado, mas por si mesmo!”¹⁶ O evangelho pretende mostrar quem é Jesus, qual sua identidade. Algumas vezes é narrado que pessoas vão ao seu encontro desejando conhecê-lo, como os discípulos de João Batista (Jo 1,37-42), como Nicodemos (Jo 3,1-2), como os gregos (Jo 12,20-22).¹⁷

Nos diálogos, nos sinais e nos discursos Jesus sempre se dá a conhecer: revela a si mesmo, o Pai e a relação que ambos têm; relação esta às vezes de unidade, às vezes de alteridade, mas sempre de Filiação-Paternidade.¹⁸ No v.26 Jesus se refere ao Pai como *outro* “meu Pai o honrará”; como também no v. 27, pedindo que o salve; no v.28 pedindo a glorificação; nos v.49-50 explicando que só fala aquilo que o Pai manda falar. Em contrapartida, nos v.44-45 Jesus se

¹⁵ BROWN, R., Comentário ao evangelho segundo João, p. 740.

¹⁶ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p. 75.

¹⁷ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p. 74-76.

¹⁸ BINGEMER, M. C; FELLER, V. G., Deus trindade: a vida no coração do mundo, p. 75.

coloca em unidade com o Pai: “quem crê em mim não é em mim que crê, mas naquele que me enviou”; com imagem do Pai “quem me vê, vê aquele que me enviou”, mas não deixa de lado a alteridade reconhecendo-se *enviado do Pai*.

Pretendendo dizer qual a identidade de Jesus, João não se satisfaz com os testemunhos dados por parte de Jesus sobre si mesmo, ele faz questão de apresentar várias outras testemunhas como o Pai (Jo 1,31-34), as escrituras (Jo 5,39), seus sinais (Jo 5,36)¹⁹ e, mais especificamente no capítulo 12, a unção, a entrada em Jerusalém, a procura dos estrangeiros, o reconhecimento e acolhimento da multidão, que sinalizam aspectos da pessoa de Jesus que foram revelados e por isso identificados à expectativa messiânica, mostrando, assim, quem é Jesus.²⁰

Nesta revelação os sinais de Jesus têm lugar de destaque. Estes, por revelarem a Glória de Deus, relevam com excelência quem é Jesus dando a conhecer “a fonte e a origem da atividade de Jesus”, “a origem e o fundamento de seus gestos”, pois, em Jesus, “já se realiza a plenitude da salvação”.²¹

3. Sinal

O Evangelho segundo João tem uma particularidade: os sinais. Diferente dos sinóticos, as ocasiões taumaturgicas de Jesus são denominadas de Sinais; ao que os sinóticos chamam de milagres. Os sinais tem alguns significados: podem ter função apologética ou escatológica, o que é comum nos sinóticos, mas não aceita pelo Jesus do evangelho de João não tendo a finalidade de provar a verdade sobre Jesus; mas, neste caso, são a “manifestação da glória para aqueles que estão dispostos a penetrar no mistério de Jesus”.²² Neste sentido ganham um significado diferente dos milagres dos sinóticos: nestes a fé é necessária para que o milagre seja feito, em João “os sinais são um meio que os leva à verdadeira fé”²³ e não condição para o milagre – o contrário. Portanto, os sinais narrados no evangelho de João e aqueles *muitos outros* (Jo 20,30), apenas citados, levaram muitos a crer em Jesus e segui-lo, isto é, “penetrar seu mistério”.²⁴

Neste capítulo Jesus não faz nenhum sinal, isto é, esta narração não traz uma grande manifestação do poder de Deus, como a ressurreição de Lázaro no capítulo anterior. Ou melhor, o capítulo 12 tem início com a consequência festiva de um grande Sinal. O capítulo 12 é a conclusão do livro dos sinais, e tem caráter um tanto ambivalente: no v.9 está dito que uma multidão foi até a casa onde estava acontecendo a janta por causa de Jesus e para ver Lázaro que acabara de voltar a viver, quer dizer, para ver Jesus e o grande Sinal por ele realizado; anteriormente muitos creram ao ver o sinal da ressurreição de Lázaro (Jo 11,45); o v.12 narra que uma multidão, que estava em Jerusalém por ocasião da festa, foi ao encontro de Jesus com ramos de palmeiras porque sabiam dos sinais por ele realizados (v.18); também não judeus procuraram Jesus (v.20-21); e muitos chefes creram nele, embora não dissesse por medo (v.42), e anteriormente, logo após a ressurreição de Lázaro, reconheceram que Jesus “realiza muitos sinais” (Jo 11,47). Contudo, apesar de tantos sinais realizados, muitos não creram em Jesus (v.37). Em outras palavras, muitos creram, outros não.

¹⁹ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p.81.

²⁰ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p.82.

²¹ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p.37

²² TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p.36

²³ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p.36

²⁴ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p.36

O evangelho segundo João tem uma realidade simbólica bastante forte, o que não seria diferente no capítulo 12. Símbolo aqui não como algo que se opõe ao *real*, neste caso, é justamente o contrário: símbolo como aquilo estando no lugar, aponta para uma realidade com a qual aquele que contempla entra em união, em comunhão.²⁵ O que é narrado no capítulo 12 (a unção de Betânia, a entrada de Jesus em Jerusalém, os discursos de Jesus, a interpretação do autor) tem um sentido real, mas também simbólico apontando para uma realidade ainda mais profunda. Desta forma o termo *Símbolo* se aproxima muito de *Sinal*. Este último é, no evangelho de João, necessariamente manifestação da Glória de Deus. Já o simbólico não, ele identifica uma realidade a outra seja mais profunda, seja transcendente, seja histórica. No capítulo 12 não há sinal, no significado estritamente teológico do termo em João, o que não impede de haver realidades simbólicas.

Sem querer forçar o texto, mas apenas alargar a reflexão, pode-se perceber *sinais* realizados por parte de outras pessoas, não Jesus. Neste sentido, não são à risca manifestação da glória de Deus, mas gestos ou palavras que identificam à pessoa de Jesus realidades ou conceitos da esperança do povo de sua época: Maria o unge de forma especial, o identifica como Messias, o unge como a um corpo ferido, como uma preparação para a batalha, e prefigura sua morte; ao entrar em Jerusalém, Jesus é reconhecido como “o que vem em nome do Senhor”, e como aquele Messias, Rei manso e humilde, previsto e proclamado pelo profeta Zacarias (Zc 9,9-10), ou ainda, bendizendo a Deus por aquele que vem em seu nome (Jo 12,13), usando as palavras do Salmo de ação de graças 118, reconhecem Jesus como salvação e vitória (v.25), como Deus que ilumina (v.27), Deus bom que ouve e que ama para sempre (v.24-29).

Ainda, a multidão que o segue e que nele crê sinaliza que Jesus responde as suas expectativas e ansiedades, isto no âmbito da subjetividade; já no âmbito da objetividade, da coletividade, sinaliza que Jesus responde àquilo que a esperança judaica, pelo menos de alguns grupos, pregava e aconselhava esperar. E até mesmo aqueles que não acreditam, ou não o seguem, o fazem por medo (v.42), pelo apego a alguma estrutura (Jo 11,47-48), e mesmo assim, no primeiro caso a glória de Deus manifestou-se na profecia concretizada (v.38), e ainda no anúncio do sacrifício de expiação que seria protagonizado por Jesus (11,50; Rm 5,10; IJo 3,16; 1Pd 1,18-19). Ir até Jesus, ouvi-lo, acreditar nele, e particularmente, *participar* dos seus sinais, fazia com que o povo o conhecesse e, assim, já participassem da vida eterna, pois: “A vida eterna e que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3).

4. A Unção

A Unção de Betânia é um fato que tem alguns simbolismos: pode ser um ritual de boas-vindas ao hóspede,²⁶ como Jesus deixa a entender no texto paralelo a esse em Lc 7, 63-50. No antigo testamento, a unção tem um significado ritual feito na intenção de tornar a coisa, ou pessoa, ungida sagrada: Sacerdotes, os Reis, os utensílios do tabernáculo; para o exercício de uma função importante; como sinal de alegria e festa; para ungir o doente, que sofre algum enfermidade²⁷ e no embalsamamento de corpos, como narrado em Gn 50,2-3.26, neste caso em relação a Jacó e José, em 2Cr 14,16 para com Asa, falecido rei sepultado em um leito cheio de aromas e

²⁵ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João*, p. 24.

²⁶ Nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém Sl 23,5.

²⁷ MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico. Unção, Ungir*, p. 953.

unguentos, ou ainda como testemunham os próprios evangelistas a respeito de Jesus (Jo 19,40). Por fim, o perfume pode ser entendido como metáfora para falar do amor – o que é confirmado no texto de Lucas (Lc 7,47) – como muito próprio no Cântico dos Cânticos:²⁸ “teu perfume e suave” (Ct 1,3); “que belo são teus amores [...] mais fino que outros amores e o odor dos teus perfumes. Teus brotos são pomar de romãs com frutos precisos: cachos de hena com nardos; nardo e açafraão, canela, cinamomo, e árvores todas de incenso, mirra e aloés, e os mais finos perfumes” (Ct 4,10.13-14).

Em João, como em Lucas, a unção é feita nos pés, o que, segundo León-Dufour, não tem precedentes ou paralelo na literatura Judaica,²⁹ a diferença de Marcos e Mateus que relatam a unção na cabeça. Brown,³⁰ em seu comentário ao evangelho, questiona sobre o único sentido da unção ser relacionado à morte, uma vez que no sepultamento de Jesus, Maria, irmã de Lázaro, não aprece, outra unção é feita e quem leva o unguento é Nicodemos. Se tivesse esse único sentido, seria muito conveniente para o sentido do texto Maria aparecer unguendo, mais uma vez, o corpo de Jesus.³¹ Maria já deixa a entender que no futuro o perfume da ressurreição será mais forte e vencerá o odor do cadáver, da morte.³² Logo alguns sentidos para a unção podem ser considerados, contudo, o sentido primor é aquele dado pelo próprio Jesus: prefigura sua morte, como já prefigurado em outros textos ou discursos no decorrer do evangelho. Em Jo 12,27, no dia seguinte ao da unção, Jesus diz estar com a alma conturbada – o que, se pondo em paralelo com os sinóticos pode remeter ao Getsêmani – sinalizando a unção a um corpo que sofre, a um copo enfermo, nas palavras dos Mateus, “angustiado até a morte” (Mt 26, 38); o que faria destacar a sensibilidade de Maria ao perceber a proximidade da Paixão do Senhor. O texto é muito bem continuado. Em Jo 11 é decidido, por parte do sinédrio, matar Jesus. Ele ainda não foi condenado, no entanto já está com a morte planejada. A cena seguinte mostra Maria se antecipando em ungir e preparar o corpo³³ de Jesus já *agonizante*, próximo da morte, ou melhor, da Glória. Contudo, a unção não foi apenas embalsamamento.³⁴

Se é costume ou homenagem ao convidado honrado, aos poucos assumiu “sentido de investidura messiânica”.³⁵ Seria, então, uma unção régia. Jesus entraria em Jerusalém já como rei unguido.³⁶ Mas a unção feita nos pés causa certo estranhamento. Se tem valor messiânico deveria ser feita na cabeça. Por que nos pés? Talvez fosse um ritual fúnebre.³⁷ Isso não impede de a unção ter caráter de investidura messiânica. Uma vez que Jesus é um rei diferente, ou melhor como ele mesmo diz, um rei de outro mundo (Jo 18,36), nada mais coerente que sua investidura seja também diferenciada; e, se o cume de sua Glória é a paixão-ressurreição, nada mais significativo que sua investidura tenha a ver com o momento de sua morte. Seu sofrimento e sua morte foram necessários para a manifestação de sua Glória (Lc 24, 26).

²⁸ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João*, p. 312

²⁹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João*, p. 310-311.

³⁰ BROWN, R., *Comentário ao evangelho segundo João*, p. 737.

³¹ BROWN, R., *Comentário ao evangelho segundo João*, p. 737.

³² LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João*, p.312

³³ BROWN, R., *Comentário ao evangelho segundo João*, p.744.

³⁴ BROWN, R., *Comentário ao evangelho segundo João*, p. 744.

³⁵ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do evangelho segundo João*, p.312.

³⁶ BROWN, R., *Comentário ao evangelho segundo João*, p. 744.

³⁷ BROWN, R., *Comentário ao evangelho segundo João*, p. 744.

Participava da esperança judaica a vinda de um *Messias*, de um *Cristo*, de um *Ungido de Deus* que poria em ordem a situação de opressão, por parte dos estrangeiros, e de divisão, por parte do próprio povo.³⁸ As ideias sobre esse eram diversas: seria um “rei sem violência” e humilde, montado num jumentinho (Zc 9,9-11), “um mártir” morto para e pelo povo (Zc 12,9-14), um “sacerdote”, um “descendente de Davi” que, como este último, restauraria Israel.³⁹ Os evangelhos sinóticos narram a descida do Espírito Santo sobre Jesus unguindo-o para a sua missão (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22). Em Lucas, de forma especial, Jesus se reconhece e declara-se unguido pelo Espírito do Senhor para a evangelização dos pobres (Lc 4,17-21). O evangelho segundo João é um pouco diferente, nele não é narrado o batismo de Jesus, apenas o testemunho de João Batista sobre o acontecido durante o batismo de Jesus (Jo 1,31-34). Portanto, a unção de Betânia materializa ou põe em evidência aquilo que Jesus é: o unguido de Deus. E, se prefigura sua morte, também dá materialidade a unção divina de Jesus, que acabara de realizar um grandioso sinal – ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-43) – manifestando o poder de Deus e ponto evidência que, nas palavras de Nicodemos, Jesus vem da parte de Deus e está com Deus (Jo 3,2). Se a unção de Jesus é para sua morte e, se Jesus é glorificado em sua morte, sua unção tem valor messiânico.

5. Discursos

O Evangelho de João em seu conjunto é carregado de discursos, com os mais variados temas. No capítulo 12 são encontrados dois: 12,23-36 e 12,44-50. Este primeiro tem um tom de despedida, ou pelo menos, por metáfora, explica de antemão o sentido de sua morte; é uma espécie de introdução àquilo que está por vir. Já Tuñí,⁴⁰ em sua obra sobre os escritos joaninos, diz que os discursos da despedida estão entre os capítulos 13 e 17. Jesus o inicia proclamando haver chegado a hora (v.22), a hora em que deveria ser glorificado o Filho do Homem. O segundo discurso (Jo 12,44-50), conforme a nota de rodapé da bíblia de Jerusalém, está deslocado de lugar, participando do tema do Jo 3,16-19 e identificando um pouco Jesus à figura mosaica.⁴¹

5.1 A Hora da Glorificação

A *Hora* de Jesus é um tema desenvolvido em todo evangelho de João⁴² e, de certa forma, moldura o livro dos sinais: no primeiro sinal, realizado em Caná (Jo 2,4), Jesus diz não ter chegado sua hora; no capítulo 12, fechamento do livro dos sinais, Jesus proclama ter chegado a hora; no meio do discurso diz que veio “precisamente para esta hora” (v.27) e o *Livro da Glória*, no capítulo 13, tem início justamente falando que a hora chegou. Em alguns momentos o evangelho narra que Jesus não foi pego porque sua hora ainda não havia chegado (Jo 7,30; 8,22). Mas hora de quê? Da glorificação de Jesus, hora para a qual veio (v.27); da glorificação mútua do Pai e do Filho (Jo 17,1). A vida de Jesus, segundo o evangelho de João, se situa justamente “na expectativa dessa hora misteriosa. [...] Inclusive, se pode dividir o evangelho [...] em duas

³⁸ KONINGS, J., A Bíblia, sua origem e sua leitura, p. 104 e 111.

³⁹ KONINGS, J., A Bíblia, sua origem e sua leitura, p. 104 e 111.

⁴⁰ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p.59

⁴¹ Nota de rodapé da bíblia de Jerusalém. Jo 12, 44.

⁴² TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p. 57

grandes partes: a expectativa (Jo 1-12) e a chegada (Jo 13-20).⁴³ A vida de Jesus se compreende à luz de sua glorificação⁴⁴ pois, aquilo que não foi entendido em primeira mão, foi entendido após sua glorificação (Jo 12, 16).

Na trilogia *Jesus de Nazaré*,⁴⁵ Ratzinger explica o significado desta tão importante *Hora* usando de dois conceitos do capítulo 13: *passagem* e *até o fim*. Por Amor Jesus dá-se a si mesmo e, amando até o fim, ele passa a uma realidade além. Ao descer, Jesus, pela vontade do Pai, mostra o que é verdadeiramente divino, acolhe e aceita todo ser humano; e em sua passagem ele regressa ao Pai juntamente com aqueles seres humanos que acolheu, atraindo todos a si. Aqueles que não o acolheram, ele os amou até o fim e “estrangeiros que eram, se tornaram ‘Seus’”.⁴⁶ Neste ponto, pode-se figurar muito bem a passagem da carta aos Filipenses 2,6-11 na qual é narrada a atitude *Kenótica* de Jesus: sendo Deus despojou-se de si tornando-se homem, abaixou-se, desceu, e foi obediente até a morte; assim Deus o exaltou e ele, em sua glorificação, resgatou, atraiu, uniu os filhos de Deus que estavam dispersos (Jo 11,52).

Jesus, como bom ser humano, titubeia diante da angustia em razão da eminência da morte e chega a pensar em pedir livramento dessa hora de sofrimento: “que direi? Pai, Salva-me desta hora?” (Jo 12,27). No entanto, no mesmo lapso de tempo ele se entrega à vontade do Pai, reconhecendo ser este o motivo de sua vinda ao mundo: “Mas foi precisamente para esta hora que eu vim” (Jo 12,27). A ato de Jesus submeter-se à vontade do Pai o glorifica,⁴⁷ já tendo sido glorificado pelos sinais realizados por Jesus.⁴⁸ Portanto, como já sinalizado, a glorificação é mútua: O Filho é glorificado pelo e no Pai; o Pai é glorificado pelo e no Filho; a comunidade glorifica e é glorificada quando atraída para “dentro de Si”⁴⁹ de Jesus e elevada por ele em sua glorificação eterna, onde estará ele, no seio do Pai (Jo 12,26). Desta forma a glorificação é pretérita no que já aconteceu, presente no que está acontecendo, e futura na consumação proclamada por Jesus quando elevado no madeiro (Jo 19,30).

5.2 A Semente, o Amor e o Seguimento.

Após proclamar a chegada de sua hora, Jesus usa de três metáforas para explicar o sentido da morte: a semente que morre e é sepultada para dar frutos; o *desprezo* da própria vida para ganhá-la na eternidade; e o seguimento como honra (Jo 12,24-26).

A primeira metáfora é bem real: uma semente que cai na terra morre e germina; como diz Brown, “não carece ser alegorizado”.⁵⁰ Jesus estabelece uma dialética entre a morte e a vida, isto é, “o aspecto peculiar dessa parábola é a insistência de que é somente através da morte que se produz frutos”.⁵¹ A morte de Jesus não é vã, mas frutífera; não é o fim, mas restauração e recomeço. Jesus será morto, será sepultado e vai ao Pai; na terra ficará semeado seu ministério,

⁴³ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p. 57.

⁴⁴ TUÑI, J. O.; ALEGRE, Z., Escritos Joaninos e cartas católicas, p. 57.

⁴⁵ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 60.

⁴⁶ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p. 61.

⁴⁷ BROWN, R., Comentário ao Evangelho Segundo João, p. 773.

⁴⁸ Nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém. Jo 12, 28.

⁴⁹ RATZINGER, J., Jesus de Nazaré, p.131

⁵⁰ BROWN, R., Comentário ao Evangelho Segundo João, p.767.

⁵¹ BROWN, R., Comentário ao Evangelho Segundo João, p.768.

seus sinais, seus discursos e diálogos que serão cultivados pelos agricultores que o seguiram: os discípulos. Eles levaram adiante a cultura dessa semente seja plantando, seja cuidando, seja colhendo e, assim, a grande árvore, de grandes ramos, dará frutos e acolherá em sua sombra todos que a ela se dirigirem, inclusive gentios.⁵²

A segunda usa de um “paralelismo antitético”,⁵³ talvez na intenção de pôr em evidência a Vida. Aqui o termo *vida* está substantivando dois entes distintos: a vida material e a Vida eterna; ou, como na nota rodapé da bíblia de Jerusalém comentando o texto paralelo a este em Mt 16, 24-25, “fala das duas etapas da vida humana: a presente e a futura”. O seguimento de Jesus na vida terrena tem suas dificuldades, como Jesus mesmo diz: é necessário carregar a cruz (Mt 16,24). A vida terrena tem fim com a morte, a Vida eterna é exatamente o contrário, tem início com a morte. Neste caso morre-se “a fim de viver”.⁵⁴ Alguns defendem que a Vida Eterna seria uma outra vida, outros, como usa o termo eterna, seria sua continuidade em um outro plano: o espiritual, ou ainda melhor em linguagem Joanina, no plano Glorioso.

Na terceira fala do seguimento e do serviço. Tal seguimento requer grande disposição uma vez que, como já dito, implica em carregar a cruz e imitar o sofrimento de Jesus.⁵⁵ A fé em Jesus excede a compreensão de apenas uma crença: é uma forma de vida, é um seguimento, é ir após Jesus (Mt 16,24). O sujeito que seguiu-o terá duas consequências: estar sempre com ele e ser honrado por seu Pai. Esta é a Vida verdadeira e eterna: estar com Jesus e ser honrado pelo Pai. Finalmente, a Glória do Pai e de Jesus são deles, no entanto é também aberta e distribuída a todos que o seguem, o amam e se tornam semente se sua proposta, de sua pregação, de seus sinais.

Conclusão

Não são novidades as particularidades de João em relação aos sinóticos, seja em estio, teologia, finalidade... e, como evidenciando neste artigo, a expectativa da Hora, a realização dos Sinais, discursos. Tudo isso torna mais rica e abrangente a mensagem cristã usando de várias linguagens e imagens para dizer e mostrar quem é Jesus e qual sua missão. Assim, a partir das figuras e linguagem – já expostas neste artigo – a pessoa de Jesus pôde ser mais entendida e acolhida uma vez respondendo às expectativas e atendendo a esperança das pessoas de sua época.

A unção de Jesus em Betânia materializa sua divindade, sua realeza, seu amor, seu envio; ao mesmo tempo que, quase paradoxalmente, figura sua paixão e morte e, de forma especial, sua ressurreição. A unção de Betânia não é um sinal ou, em termos joaninos, manifestação da Glória de Deus. É sim uma ação que leva a imaginação a perceber uma realidade maior e mais profunda, assumindo assim um caráter de *realidade simbólica*.

A Hora de Jesus é também algo bastante particular no evangelho segundo João, desde seu início há indicações e cria-se uma expectativa na chegada dessa Hora. Tal Hora é bastante importante, uma vez que é nesta Hora que Jesus será glorificado, além de ter sido justamente para esta Hora que ele veio. Aqui sua morte ganha caráter passageiro, ela será uma etapa, um caminho muito importante para a sua Glorificação. Como semente que morre para dar frutos; como vida

⁵² BROWN, R., Comentário ao Evangelho Segundo João, p.768

⁵³ BROWN, R., Comentário ao Evangelho Segundo João, p.770.

⁵⁴ BROWN, R., Comentário ao Evangelho Segundo João, p.771.

⁵⁵ BROWN, R., Comentário ao Evangelho Segundo João, p.772.



material que se finda para o nascimento da vida eterna; como seguimento a vontade do Pai a fim de por ele ser honrado, de a ele estar unido.

Referências bibliográficas

BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, M. C; FELLER, V. G. **Deus trindade**: a vida no coração do mundo. 2ª ed. São Paulo: Paulinas; Espanha: Siquem, 2009.

BROWN, E. R. **Comentário ao evangelho segundo João**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.

GONZAGA, W. A Acolhida e o lugar do Corpus Joânicos no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v.52, n.3, p.681-704, set./dez.2020. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4461>>. Acesso em: 03 abr. 2023

KONINGS, J. **A Bíblia, sua origem e sua leitura**: Introdução ao estudo da Bíblia. 8ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do evangelho segundo João**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MACKENZIE, J.L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Editora Paulus, 1984

MATEOS, J; BARRETO, J. **Vocabulário teológico do evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição. São Paulo: Planeta, 2020.

TUÑI, J-O; ALEGRE, X. **Escritos Joânicos e Cartas católicas**. São Paulo: Ave Maria, 1999.

Francisco Maria de Oliveira

Graduando em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
Email: f-chico@outlook.com